

Presidente inicia campanha para reeleição

Na primeira semana como candidato, FHC inaugura obras e cumprimenta populares

Silvio Ribas
de Joinville

A primeira semana do presidente Fernando Henrique Cardoso como candidato à reeleição foi muito puxada. Inaugurou obras, deu entrevistas e cumprimentou populares em visitas a quatro estados — Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Neste último, onde pousou na última sexta-feira para inspecionar obras de duplicação em Navegantes e Balneário Camboriú, retornando sábado para Brasília, reservou seus recados políticos, que deverão dominar sua campanha. “De cabeça erguida, o Brasil é hoje respeitado no exterior, passou a ter governabilidade e um rumo que permite antever seu futuro. Mas ainda é um país de muita desigualdade, herança de 500 anos de que não se resolve em quatro, oito ou doze anos. Nosso desafio é oferecer obras sociais sem demagogia, com tempo e competência. Resolver as crises com palavras é fácil. Reunir pessoas e perseverar é que é difícil”, disse com toda a ênfase aos tucanos cata-

rinenses na última quinta, durante encontro estadual do seu partido em Joinville (SC).

Nesta reunião, que contou com a presença do senador Esperidião Amim (PPB-SC), candidato ao governo do estado, o presidente afirmou que “não basta uma moeda estável, um governo honesto, que o nosso indiscutivelmente é, mas criar uma sociedade solidária, capaz de se indignar com a injustiça e a corrupção”. Enunciando pontos da plataforma eleitoral, o sociólogo Fernando Henrique ressaltou a educação para preparar o País para o novo milênio e “não deixar que o determinismo econômico influencie nosso projeto de sociedade”. O presidente praticamente conduziu seu partido para o apoio à candidatura Amim (PPB-SC). “Tenho certeza de que os tucanos saberão voar alto. Se não tiverem asas, buscarão alianças para fazer nossas pro-

postas avançarem.”

Mais tarde, em Joinville, na inauguração do Centreventos Cau Hansen, FHC revidou o apito dos manifestantes dos partidos de esquerda e professores das universidades federais que atrapalhavam os discursos pedindo “respeito” e chamando

barulho de “mugido”. “Vivemos no Brasil de verdade, da construção aberto e que não escuta os rancores. Espero que os artistas e intelectuais que se

apresentarem aqui possam ser ouvidos com tranquilidade, com o silêncio respeitoso daqueles que sabem respeitar aos outros porque respeitam a si próprios”, disse.

Falante e com uma segurança pessoal menos rígida, quebrando protocolos para ter contato com o público, FHC aproveitou para exercitar em Santa Catarina a agenda clássica de candidato. Recebeu títulos de cidadão honorário dos muni-

cípios por onde passou, posou para fotos com vereadores e prefeitos tucanos e do lado da rainha da Festa Nacional do Chop (Fenachop), deu entrevistas exclusivas à imprensa local e distribuiu diversos autógrafos em camisetas. Até a transmissão da “Voz do Brasil” pelas emissoras de rádio locais foi suspensa, “devidamente autorizada pelo Ministério das Comunicações”, para que pudesse ser feita a cobertura da visita presidencial. Assim como em Osório (RS), o ônibus da comitiva de FHC foi recepcionado por um grupo de centenas de alunos da rede municipal, com bandeirinhas do Brasil e do governo de Joinville. O presidente ameaçou descer, mas acabou apenas colocando no bolso do paletó carta de uma professora da cidade que pede mudanças no sistema carcerário do País, tornando o trabalho para presos obrigatório. FHC procurou diminuir o papel da oposição na disputa pelo Planalto. “O PSDB e os partidos que nos apóiam buscam as convergências necessárias”, declarou aos companheiros de partido.

**“O Brasil é hoje
respeitado no exterior,
passou a ter
governabilidade, mas
ainda é um país de
muita desigualdade”**